



BEZERRA  
DE MENEZES

A CASA  
ASSOMBRADA

ROMANCE ESPIRITA

ide

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Menezes, Adolfo Bezerra de, 1831-1900.

M51c      *A Casa Assombrada* / Adolfo Bezerra de Menezes.

Araras, SP, IDE, 1ª edição, 2021.

352 p.

ISBN 978-65-86112-08-5

1. Romance 2. Espiritismo. I. Título.

CDD-869.935

-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance: Século 19: Literatura brasileira 869.935
2. Espiritismo 133.9

A CASA  
ASSOMBRADA

ISBN 978-65-86112-08-5

1ª edição - junho/2021

Copyright © 2021,  
Instituto de Difusão Espírita - IDE

Conselho Editorial:  
*Doralice Scanavini Volk*  
*Wilson Frungilo Júnior*

Produção e Coordenação:  
*Jairo Lorenzetti*

Revisão de texto:  
*Mariana Frungilo Paraluppi*

Ilustração e capa:  
*Samuel Carminatti Ferrari*

Diagramação:  
*Maria Isabel Estéfano Rissi*

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA - IDE

Av. Otto Barreto, 967  
CEP 13602-060 - Araras/SP - Brasil  
Fone (19) 3543-2400  
CNPJ 44.220.101/0001-43  
Inscrição Estadual 182.010.405.118  
[www.ideeditora.com.br](http://www.ideeditora.com.br)  
[editorial@ideeditora.com.br](mailto:editorial@ideeditora.com.br)

*Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta  
publicação pode ser  
reproduzida, armazenada  
ou transmitida, total ou  
parcialmente, por quaisquer  
métodos ou processos, sem  
autorização do detentor do  
copyright.*



BEZERRA  
DE MENEZES



A CASA  
ASSOMBRADA

ROMANCE ESPIRITA

ide



# Apresentação

**Adolfo Bezerra de Menezes**, mais tarde conhecido como o *médico dos pobres*, nasceu em 29 de agosto de 1831 na fazenda Santa Bárbara, em um lugar chamado Riacho das Pedras, município cearense de Riacho do Sangue, hoje Jaguarétama, Estado do Ceará.

Com intenso desejo de ser médico, Bezerra mudou-se, com poucos recursos, para o Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1851 e, para sobreviver, ministrava aulas de filosofia e matemática. Formou-se médico aos 25 anos, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tornando-se cirurgião-tenente do Corpo de Saúde do Exército em 1858.

Casou-se com Maria Cândida de Lacerda, com quem teve um casal de filhos, mas, cinco anos depois, ela veio a desencarnar e, passados mais dois anos, Bezerra contraiu núpcias com Cândida Augusta de Lacerda, irmã da primeira esposa. Dessa feita, tiveram cinco filhos.

Bezerra de Menezes, entusiasmado pela medicina, escreveu vários artigos que colaboraram nos procedimentos de análises clínicas, porém seu verdadeiro amor era pelas pessoas, buscando a cura do corpo e da alma e acolhendo com respeito e consideração. Essas atitudes o tornaram conhecido como o *médico dos pobres*, pois, no exercício de sua profissão, não cobrava a consulta daqueles desprovidos

de recurso e, em muitos casos, tirava de si os recursos para auxílio da compra de medicamentos para o tratamento.

O trabalho contínuo em favor da comunidade e dos ideais abolicionistas e liberais o levaram à política, sendo eleito vereador em 1861, reeleito em 1864, deputado federal em 1867 e presidente da Câmara em 1879, atuando na vida parlamentar com respeito e angariando, assim, a simpatia da população.

Em breve interrupção de sua carreira política, criou a Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos, que veio proporcionar-lhe pequena fortuna, mas que, por sua vez, foi também o sorvedouro dos seus bens, deixando-o completamente arruinado.

De alma cristã, encontrou-se com a Doutrina Espírita quando do lançamento, em 1875, da tradução, em língua portuguesa, de *O Livro dos Espíritos*, por meio de um exemplar que lhe foi oferecido pelo tradutor da obra, o seu amigo e colega de profissão, Dr. Joaquim Carlos Travassos. Sobre o contato com a obra, o próprio Bezerra declarou que *“Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para meu Espírito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava no ‘O Livro dos Espíritos’. Preocupe-me seriamente com este fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, mesmo como se diz vulgarmente, de nascença.”*

Isso ele veio demonstrar nas páginas deste livro, utilizando-se de seus personagens e dos ensinamentos por eles raciocinados e concluídos e também em todas as suas obras.

Em 1889, a convite, presidiu a Federação Espírita Brasileira, e sua disposição para a união e pacificação o trouxe novamente a presidir-la, de 1895 a 1900, quando veio a falecer, vítima de um edema



cerebral, após um período de paralisia junto ao seu leito, sem nenhum recurso financeiro.

A encarnação de Bezerra de Menezes foi marcada por diversas facetas: foi um homem apaixonado pela medicina, político, empreendedor, escritor, benfeitor dos pobres, pacifista e humanista, porém a riqueza de seu legado está no testemunho de humildade e desprendimento com o próximo, no coração puro e leal junto a Jesus e a fé inabalável em Deus.

Em “*Ação e Reação*”, livro do Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, no capítulo XI, o instrutor Silas discorre sobre o trabalho de Bezerra no Mundo Espiritual: “*Com mais de cinquenta anos consecutivos de serviço à Causa Espírita, depois de desencarnado, Adolfo Bezerra de Menezes, fez jus à formação de extensa equipe de colaboradores que lhe servem à bandeira de caridade. Centenas de Espíritos estudiosos e benevolentes obedecem-lhe às diretrizes na lavoura do bem, na qual opera ele em nome do Cristo.*”

Na sua lavra literária, constam biografias de homens ilustres, trabalhos sobre a escravidão no Brasil e a seca no nordeste, além de obras espíritas, como: *O Evangelho do futuro; A Casa Assombrada; Lázaro, o Leproso; A Pérola Negra; História de um Sonho; Casamento e Mortalha (inacabado); Os Carneiros de Panúrgio; A Loucura Sob um Novo Prisma.*

Neste livro, Bezerra mostra-se um grande visionário ao colocar nos lábios de um de seus personagens a frase:

*(...) O mundo é perfectível, diz a observação de todos os dias.  
O que foi mistério é ciência. O que foi nebulosa é formoso planeta. (...)*



# 1

**A poucas léguas da Vila** do Caicó, no Estado do Rio Grande do Norte, havia em 18... uma casa cercada de árvores, que a encobriam aos viajantes, na qual, de certo tempo a esta parte, começaram a aparecer fantasmas que lhe deram a fama de assombrada.

Os habitantes do campo, nos vastos sertões do Norte, têm, de par com as mais estrambóticas crendices, tais como as do lobisomem, mula sem cabeça e caipora, a firme convicção de aparições de almas do outro mundo.

Homens de venerável caráter referem fatos de aparições que aos sábios, e principalmente aos padres, repugnam admitir; mas os fatos não são por isso menos verdadeiros e a massa popular os aceita sem relutância.

Os mortos não voltam ao turbilhão donde foram tirados, nem que deles restem memória ou consciência própria, dizem os que não admitem a existência de qualquer elemento que não seja o material.

O Espírito que vai não volta, dizem os sectários da Igreja romana, apesar de ensinarem a sobrevivência da alma, com a memória e a consciência do que foi em vida. Dão imediato destino à alma separada do corpo, destino eterno, de que não se pode desprender para vir à Terra manifestar-se de qualquer modo, para o bem ou para o mal.

Que são, pois, esses fatos atestados por homens de maior respeitabilidade, uma vez que a Ciência e a Religião os repelem por opostos princípios?

Temos culto do maior respeito pela Ciência – idolatria pela Religião; mas não podemos levar o fanatismo a ponto de recusar fé ao que vemos, pelo fato de a Ciência e a Religião nos ensinarem o contrário.

Para nós, essas duas escadas, por onde o Espírito se eleva à sua maior grandeza – ao mais excelso grau de sua perfectibilidade, são adstritas às condições da Humanidade, no tempo.

Queremos dizer: que tanto uma como outra são pequeninas na medida do progresso que faz a Humanidade; e, portanto, que, nem compreendem toda a verdade, nem há só verdade no que guardam em seus cofres.

O que ontem era mistério para qualquer das duas, hoje é verdade conhecida em todas as suas relações.

O que foi, há séculos, tido por divino, é hoje, graças à luz brilhante da revelação messiânica, considerado prejuízo humano, que os legisladores sagrados foram obrigados a respeitar.

Galileu, Newton, Arquimedes, Laplace e muitos outros luminares da Ciência trouxeram luz a inúmeros problemas que ofuscavam a vista intelectual da Humanidade.

Pelo mesmo modo, podemos assegurar-lo, futuros enviados científicos baixarão à Terra para iluminar mais amplos horizontes e banir, do que temos por conhecido, as impurezas que o erro sempre deixa no fundo da taça das puras verdades.

Moisés trouxe à Humanidade novas leis morais e reduziu a pó as práticas do período abraâmico, que eram consideradas sagradas.

E Jesus alargou o círculo das verdades reveladas, varrendo a arca de impurezas, que recebiam o incenso da adoração.

E, pois, nem o sábio pode ter presunção de possuir a verdade, nem a Igreja é coerente com a norma do ensino divino, acreditando que tudo o que se não acha em seu repositório é falso e condenável.

Além do que sabemos, há uma infinita quantidade de leis, físicas e morais, que ignoramos.

É com o tempo, com o maior desenvolvimento de nossas faculdades, que essas leis nos virão sendo recordadas.

Não pode, pois, o sábio, como não o pode o padre, repelir um fato bem verificado, só pela razão de não ser conforme com os princípios que constituem um punhado de conhecimentos.

O das aparições está neste caso.

Repila-o quanto quiser o que só vê no homem um amontoado de matéria vivificada, esconjure-o, pois o que define o futuro das almas por toda a eternidade, imediatamente depois da separação do corpo, são os fatos que não deixam de ter existido somente porque não os querem ver os materialistas e fanáticos.

A casa da ribeira do Seridó fala mais alto do que os tratados e as decisões conciliares.

Ninguém habitava aquela casa havia já um ano, e o que se sabia pela vizinhança era: que, poucos meses antes de ser abandonada, uns desconhecidos, que pareciam ser gente rica, a tinham comprado e a ocuparam com tanto mistério quanto foi o do aparecimento deles.

Viveram ali sem se comunicarem com alguém, e desapareceram sem que se soubesse para onde foram.

E, tão depressa foi abandonada por seus proprietários, começou aquela casa a aterrorizar a vizinhança.

Os que a defrontavam viam partir dali, em noite escura, fogos amarelados que corriam em várias direções, ouviam grunhidos de porcos, latidos de cães, cacarejos de galinhas e gemidos de moribundos.

Naqueles sertões, é muito comum encontrarem-se, à beira das estradas, casas abandonadas, que os viajantes aproveitam para rancho.

Gradua-se a marcha de modo que, à hora do pouso, se esteja no ponto conhecido dos que transitam por aquelas estradas.

Ali se encontram frequentemente duas ou mais tropas, chamadas por lá comboios, que são, ainda hoje, o meio de transporte entre a cidade do Recife e as Províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, que têm aquela cidade por empório comercial.

Dão-se, por tais encontros, verdadeiras festas no deserto, quando são velhos amigos que concorrem àqueles pontos, ou mesmo simples conhecidos que, longe do torrão natal, estimam-se como amigos.

Farta ceia, se é de noite, lauto jantar, se é de dia, desfalcam a matalotagem dos que bem precisam dela para a longa viagem.

Esse desfalque, porém, não causa grande mal, porque os costumes patriarcais dos sertanejos não permitem recusar ao viajante pousada com cama e mesa, provisões para a viagem, se alguém está baldo delas, e até remonta de animais, quando adoecem ou cansam os de tais hóspedes.

Há fazendeiros que levam a hospitalidade até o ponto de reterem o passageiro, enquanto mandam comprar uma vaca para lhe fornecer a famosa carne de vento.

Também, de pouco mais carece o farnel do viajante dos sertões, cuja alimentação se cifra em carne seca, farinha e rapadura.

O mais é accidental. O essencial é aquilo e o melhor para a tropa.

A caça que fazem no mato, por onde passam; o peixe que pescam nos rios que atravessam; o mel de abelhas, em abundância por toda a parte, e as frutas, quer de vazante, quer silvestres, são diversas por desfastio.

Há viajante que não toma pouso senão no mato, em lugar onde se encontra água para a gente e para os animais.

É que o movimento de transportes só se faz, naqueles sertões, em tempo de seca, quando não cai gota d'água do céu e os rios estão sem corrente, guardando apenas, em seus leitões e nos pontos mais escavados, poças d'água mais ou menos profundas. A temperatura, durante as noites, pode dizer-se invariável.

Em tais condições, podem-se fazer longas viagens, sem tomar casa para descanso.

As marchas se fazem de manhã e à tarde, ao romper da estrela d'alva e pouco antes do pôr do Sol; pois, das 9 horas do dia até às 5 da tarde, o calor é de queimar.

Depois de estiradas quatro ou cinco léguas, que se adiantam na primeira jornada, toma-se uma frondosa oiticica, à beira de algum rio, e arma-se a rede, que é a cama dos sertões, de um galho para outro.

Ali, fica-se resguardado dos ardores do Sol, bafejado por fresca viração e embalado pelo canto de milhares de passarinhos, que se refugiam naquelas horas, à sombra das grandes árvores.

Se acontece que o rancho provisório fique ao pé de algum poço, forçado bebedouro de tudo o que vive a algumas léguas em torno, é grato ver-se desfilar, em cordão, o gado de toda a espécie, que vem dos pastos a saciar a sede, e aos pastos volta, satisfeita aquela necessidade.

É a vaca, que chama o filho perdido no incessante torvelinho.

É o touro, que desafia o rival, depois de ter afiado as hastes na mó de alguma barreira.

É o lote de éguas, cujo pastor, cheio de zelos, corre de um lado a outro, para evitar que se misturem com outras de lote estranho.

São os rebanhos de ovelhas, enchendo os ares com seus balidos e deleitando a vida com a variedade de suas cores e tamanhos.

Além, divisa-se o que chamam vazante, uma parte do leito do rio, a começar das ribanceiras, cercadas e cobertas de plantações, verdes como limos d'água.

Provém-lhe o nome do fato de se fazer a plantação no terreno que as águas do rio vão deixando descoberto; à medida que vão decrescendo, vão vazando.

Na vazante, colhe-se, à farta, o melão, a melancia, a abóbora, chamada jerimum, o feijão de cardo, o milho, o aipim, conhecido por macaxeira, tudo, enfim, que se cultiva em hortas.

E, apesar de se fazer plantações no leito arenoso dos rios, é tal a uberdade daquelas terras, que não se pode calcular o que produz uma vazante, desfrutada todos os dias, antes de o Sol sair.

Montes de frutas jazem, naqueles lugares, à disposição de quem as quiser aproveitar, visto que não há consumo para elas.

Os viajantes aproveitam a faculdade, que é de uso geral, e regalam-se com o delicioso melão, com a preciosa melancia, com a imensidade de frutas, cujo sabor não se compara com o que lhes conhecemos cá.

O que, porém, mais apreciam é o jerimum, que comem com a carne seca e dão aos animais ávidos da excelente ração, que lhes restaura as forças, quase tanto quanto o milho.

O rancho da noite varia de condições.

É em campo limpo que se prefere dormir, por ser mais claro e mais fresco.

Arma-se a rede em juremas, árvores que perdem as folhas na estação seca, como quase todas, e que por isso não embaraçam os ventos gerais que sopram invariavelmente todas as noites.

Naquele descampado, faz-se o fogo e prepara-se a ceia, depois da qual se dorme tendo por coberta o firmamento.

Nem todos, porém, gostam deste modo árabe ou beduínico de viajar e procuram de preferência as habitações ou as casas abandonadas de que acima falamos.

Nas primeiras, encontram desvelada hospedagem, que às vezes sai cara, por terem de suportar algum membro da infinita família dos amoladores.

Calcule-se o desespero do infeliz que chega morto de cansaço e encontra um freguês sequioso de saber de tudo e de todos!



Nas casas abandonadas goza-se a liberdade dos ranchos no deserto, mas não se tem aí nem o frescor nem a poesia daqueles.

E, às vezes, desmancham o prazer, mimoseando os hóspedes com uma avalanche de ratos, pulgas e percevejos.

Vamos visitar uma dessas desertas habitações, que, às vezes, nada significam, porém, em muitos casos, encerram segredos dolorosos, quando não pavorosos mistérios.

## 2

### **Sigamos para a casa assombrada.**

Pela estrada geral que corre à margem direita do rio Seridó, quase defronte da Vila do Caicó, à esquerda daquele rio, passaram, ao pôr do Sol, montados em robustos cavalos, um moço que representava ter vinte e cinco anos de idade e um *cabra* vestido de couro e trazendo, atravessado no arção da sela, formidável trabuco.

Pouco antes, cerca de meia hora, passara por aquele ponto um comboio, na direção que levavam os dois cavaleiros, isto é, visando Pedras de Fogo, antiga feira de gados, donde se fornecia de carne verde a cidade do Recife.

Chegando a um morro, de cujo cimo se descobria, na margem oposta do rio, a vila que gozava de certa reputação, por ter uma aula de latim regida pelo padre Guerra (mais tarde senador Guerra), os dois cavaleiros pararam como dominados pelo mesmo pensamento.

– E o comboio que eu mandei que me esperasse aqui? – perguntou o moço para o companheiro, que não passava de seu pajem ou escravo.

– Talvez tivesse entrado para a vila – respondeu o *cabra*, esticando-se nos estribos, a fim de poder ver mais longe, e lançando a vista para o lado oposto do rio.

– Não, para lá não passou nenhum comboio, não vejo rastro de animais no caminho que se separa aqui da estrada.

– Sim, senhor; aqui não há rastros – disse o *cabra*, depois de ter-se apeado e examinado atentamente o caminho divergente da estrada real.

– Diabo! – exclamou o moço. – Tanto recomendei ao bruto do Manuel que me esperasse aqui!

– Mas, sinhô-moço, que mal faz que tenha seguido para diante? Quanto mais depressa andarmos, mais cedo chegaremos.

– Assim é; porém, daqui para diante, não se encontra senão a casa assombrada; e eu não quero passar a noite com almas penadas ou com demônios.

– Ora, ora, sinhô-moço! Eu pensei que vosmecê tivesse outra razão para se afligir. Vamos dormir na tal casa e veremos que o demônio não é tão feio como se pinta.

– Qual, Tomé! Meu tio Estêvão não é homem de fugir de caretas e, entretanto, quase ficou louco, só por ter chegado à meia-noite perto de uma dessas malditas casas.

– É porque sinhô-moço Estêvão, apesar de valente, acredita em almas do outro mundo.

– E tu não acreditas?

– Sinhô-moço crê nessas histórias?

– Certamente; e não há de que te admirares. Não te lembras do que aconteceu à minha mãe quando morreu meu irmão Antônio nos sertões de Caratéus, assassinado pelos Mourões? Não te lembras de que ela, três meses antes de chegar a fatal notícia, viu meu irmão banhado em sangue, que lhe corria do ferimento do pescoço? Era, ou não, a alma de meu irmão que lhe aparecia? Era, ou não, uma alma do outro mundo?

– Qual, sinhô-moço, aquilo foi sonho de minha senhora. A

gente, quando morre, vai para o fundo da terra, para nunca mais sair da cova.

– Sonho?! Como ser sonho a visão perfeita de uma cena que se passa a 300 léguas, e em que nem se cogita?

– Eu não sei lá como é isso; mas não posso acreditar nessas coisas. Os sábios devem explicá-las de modo que as almas não fiquem zangadas e nos deixem em paz.

– Os sábios, Tomé, quase nada sabem dessas coisas; e os fatos que se veem, explique-os como quiser a Ciência, são sempre os que se veem e como se veem.

“Sobre o caso que se deu, da aparição de meu irmão morto à minha mãe, os sábios inventam teorias, de dupla vista, de magnetismo, de sonambulismo; mas tudo isso é imaginativo, é hipotético, não passou pela prova experimental.

Será, ou não será; mas o que não sofre dúvida é que meu irmão apareceu à minha mãe.

Perguntarei a esses senhores que repelem as aparições das almas, só por negarem a existência do Espírito; eu lhes perguntarei o que é mais incrível, mais maravilhoso, mais imaterial: vir o Espírito do morto falar-nos, ou simplesmente aparecer-nos; ou atravessar a nossa matéria espaços de centenas de léguas e assistir, como presente, ao que ali, a tão longas distâncias, se está passando, e com todas as circunstâncias com que se dão os fatos?

Nega-se o que é mais natural, para sustentar-se o que é inverossímil!”

– Sinhô-moço pode dizer o que quiser; mas não acredito em histórias do outro mundo, pois ninguém voltou cá para dar notícia.

“Olhe. Eu tenho mais medo de passar agora de noite pelo boqueirão da serra da Ignês, do que ir dormir na tal casa assombrada.

Cá, no boqueirão, corremos o risco de ser atacados pelas onças, que abundam naquela serra.

Lá, na casa, havemos de encontrar alguma raposa, gato do mato, ou jacurutu, que se tenha aboletado no deserto prédio, e, com seus miados e piados, assustam os Espíritos dispostos a explicarem tudo pelo sobrenatural.

E a prova vamos tê-la hoje, do que muito me alegro; porque sempre desejei encontrar uma alma do outro mundo, e há muito que procuro ter ocasião de penetrar nas afamadas casas assombradas.

Hoje é dia de desassombrar esta.”

– Deus queira, Tomé, que não vás procurar lã e voltes tosquiado.

– Deixe o negócio por minha conta, sinhô-moço, que eu lhe apresentarei a alma do outro mundo enfiada no meu facão.

Enquanto assim falavam, iam os dois caminhando e puxando pelos cavalos a fim de vencerem a distância de seis léguas, para o que lhes não sobrava tempo, visto que já tinham dado seis horas da tarde.

\* \* \*

O leitor já conhece as ideias dos dois interlocutores com relação ao assunto que se prende ao título deste romance. Dir-lhe-ei agora, em duas palavras, quem era eles.

O moço, Leopoldo Dantas, era filho do Coronel Dantas, senhor do engenho de Mageiro, em Pedras de Fogo.

De mediana estatura, musculoso, cabelos castanhos e olhos pretos, fisionomia atraente, cor morena, requeimada pelo sol do sertão, era dotado de energia pouco vulgar.

O *cabra* era escravo do Coronel, seu fiel, de trinta e cinco anos de idade, robusto como um touro e valente como um tigre.

O Coronel confiara-lhe o filho, que ele adorava, nessa viagem que fora obrigado a fazer pelos sertões.

Depois de estender-se por imensos tabuleiros arenosos, cober-

tos de capim mimoso e panasco secos, a estrada geral, que liga os sertões de Pernambuco, Paraíba do Norte e Ceará, penetrava, pode-se dizer, desaparecida em mata espessa, cujas árvores se tocavam pela coma, formando uma espécie de abóbada de túnel, por baixo da qual, defendidos dos ardores do Sol, viajavam agradavelmente os inúmeros fregueses da única feira daquelas províncias e do empório de seu comércio – a cidade do Recife.

Inúmeros eram, com efeito, os viajantes que percorriam aquela estrada, da qual partiam para as vilas, povoados e sítios laterais, estradas e caminhos de menor importância.

Todo o gado criado, nos vastíssimos campos da Paraíba ao S. Francisco, não tinha outro mercado senão Pedras de Fogo, salvo o que divergia, em número insignificante, para as capitais do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Todo o comércio de fazendas e molhados vinha para aqueles vastos sertões, em troca de gado vivo e de couros e solas que exportavam da capital de Pernambuco.

Calcule-se somente por esse movimento comercial, sem contar mesmo o dos pontos intermediários, quão grande não devia ser o trânsito pela estrada geral, que se estendia do Recife a Pedras de Fogo, na Paraíba; de Pedras de Fogo a Caicó, pela ribeira de Seridó, no Rio Grande do Norte; do Caicó, pela ribeira do Riacho dos Porcos e pela do Apodi, no Riacho do Sangue, ao Ceará e, daí, pelas ribeiras do Quixeramobim e Quixadá aos Inhamuns e Carateús, limites do Piauí.

Passado o tempo das águas que, naquela vasta região, regula de janeiro a junho – secos os rios de modo a se poder viajar sem necessidade de atravessar qualquer corrente –, todos os criadores (e todos aqueles campos estão cobertos de criação) começam a despejar de suas fazendas o gado vendível – bois e vacas velhas.

De todos os pontos das referidas províncias convergem para

a estrada geral as boiadas do senhor Capitão, do senhor Major, do senhor Coronel, do Capitão-mor, do Sargento-mor desta, daquela, de inúmeras ribeiras.

A grande estrada está orlada de habitações, quando não são fazendas, onde é de rigor haver grandes currais para gado vacum e rancho para viajantes, embora os donos das casas sejam solícitos em chamar à sua hospitalidade os que pedem pouso em seu sítio ou fazenda.

As boiadas atravessam a longa distância fazendo curtas viagens, pois que as habitações, com raríssimas exceções, não distam umas das outras mais de uma, duas ou três léguas.

Ao romper do dia, o gado recolhido nos currais de um daqueles pontos põe-se em marcha pelos campos cobertos de pastagem e cortados de riachos e rios, onde há poços naturais, e vai comendo e andando para diante, lenta e naturalmente, até que, ao anoitecer, tenha vencido a distância do ponto de partida ao calculado para novo descanso.

Por esse modo, sem cansar e sem emagrecer, uma boiada vence a longa distância do Piauí à feira, e vai ainda para o Recife, ou para a Bahia, por conta dos marchantes.

É raro ficar em caminho uma rês estropiada. E se tal se dá, pode dizer-se que é em consequência de não ter a boiada bons condutores.

Estes são em número de três ou quatro para cada uma, que não deve exceder de cem a cento e vinte cabeças – e fazem o ímprobo serviço por uma bagatela, vinte ou trinta cruzeiros por viagem.

Uma boiada bem conduzida não perde nenhuma cabeça na viagem e não faz senão a despesa dos condutores, pois que não se pagam os pousos.

Há, entretanto, dois perigos para o boiadeiro, que nenhum zelo nem a maior perícia podem evitar. É a peste, chamada “mal triste”, e os arrancos, que são pouco frequentes, mas que são terríveis.

O mal triste tira o seu nome do estado que apresenta a rês acometida da moléstia.

A rês atacada daquele mal, ou do carbúnculo, que é raríssimo, não escapa e contagia a boiada.

O boiadeiro sangra a que conhece afetada, e queima-a até reduzi-la a cinzas.

Usa também, como meio profilático, fazer fogueiras nos currais com plantas aromáticas, de que tira muitas vezes o resultado de conjurar a epizootia.

Se isto não consegue, pode dar como perdida a boiada.

Os arrancos, o mesmo que se dá com a cavalhada no Sul, consistem em tomar-se o gado de pânico, por qualquer coisa, às vezes porque meia dúzia de reses, mordidas pelo marimbondo, arrancam em desespero e, daí, uma disparada infrene, que não cessa senão quando as reses ficam extenuadas.

É horroroso assistir a um arranco, quer esteja a boiada pastando nos campos, quer esteja recolhida ao curral.

Neste, a cerca mais forte é levada qual se fora feita de palitos!

Quando uma boiada arranca e se espalha pelos campos à distância de algumas léguas, o boiadeiro tem grande prejuízo, tanto porque lhe é preciso perder muitos dias campeando o gado, como porque não lhe é possível colhê-lo todo.

Só esse movimento de boiadas, com que tenho aborrecido a atenção do leitor, enche a estrada geral e faz de toda ela uma espécie de cidade ambulante.

Pode dizer-se que toda a vida dos sertões se concentra naquela desmedida linha, por onde trafegam os boiadeiros e os comboieiros, além dos que viajam escoteiros.

Os comboieiros são os que tomam fazendas ou molhados no Recife e transportam pelos sertões em lombo de cavalos, chamados

de carga, ou quartaus, para trocá-los por garrotes ou curvas, que conduzem, os primeiros para os soltar, onde se refazem – e os segundos, para o grande mercado já indicado.

As viagens dos comboieiros fazem-se de manhã e à tardinha, regulando a marcha diária por oito a dez léguas.

A raça cavalar, apesar de não ser de sangue classificado, é tão forte que uma tropa viaja seis meses seguidos sem cansar, nem estropiar.

E cada cavalo transporta naquele tempo uma carga de cerca de oito arrobas – e não é ferrado como se usa no Sul.

Todo esse extraordinário movimento, que fazia a grande vida dos sertões do Norte, tende hoje a desaparecer, pela navegação costeira que multiplicou os centros comerciais e matou a concorrência dos cavalos, e pelas estradas de ferro que vão invadindo os desertos.

### “Ceci tuera celà”

## 3

**A grande estrada, qual serpente** imensa, depois de se desenvolver pelos vastos tabuleiros que vão do Caicó até às proximidades da serra da Ignês, enfia-se pela mata como por um túnel.

A Lua cheia esparge raios de prata pelos arraiais, que brilham qual mica à luz do Sol.

Argêntea claridade envolve a coma da escura floresta, como um lenço branco cobre a carapinha revoluta da africana.

De espaço a espaço, por entre as naturais clareiras daquelas espessuras, penetra até ao chão da estrada o límpido clarão do astro da noite.

Tudo é silêncio naqueles ermos lugares, onde somente se ouve, quebrando a monotonia do imenso deserto, o gemido das árvores



impelidas pelo vento e o farfalhar deste nas folhas que dão sons, como risadas.

Leopoldo Dantas, Espírito imbuído nas credices do sobrenatural, passava por aquelas solidões com o coração apertado de medo.

Ele, que não temia o encontro de um homem inimigo, por mais forte que fosse, estremecia dos pés à cabeça quando, à luz da Lua, divisava a sombra de um toco ou ouvia o ruído de uma cotia correndo para o mato!

Impressionado com a ideia de ir pousar na casa assombrada, o sussurro do vento lhe representava à imaginação gemidos de almas penadas e gargalhadas dos demônios que se deleitam em torturá-las.

Haviam dado oito horas, os viajantes deviam achar-se em meio da travessia, bem próximo do boqueirão, situado num fundo rasgão que fizera na serra a corrente do rio Seridó.

Não é fácil explicar aquele fenômeno natural pelos conhecimentos geológicos que possuímos.

Se admitirmos a cavidade de criação do rio e da serra, houve tempo em que o famoso dique de cerca de quinhentos metros de altura fez refluir as águas do Seridó a muitas léguas de distância, constituindo um imenso lago, o maior sem dúvida das províncias do Norte.

Nesta hipótese, as águas do rio galgaram a cumeada da serra, em algum ponto mais baixo, e foram-na escavando até fazerem a passagem do nível que hoje aí se vê.

Mas, se o fato se deu por esse modo, devia ter ficado, se não a tradição do lago, ao menos os vestígios de sua existência.

Não há, porém, nem uma nem outra coisa.

Começariam, rio e serra, a se desenvolver pouco e pouco, de modo que a corrente fez logo seu caminho e se foi mantendo à medida que a serra se foi levantando?

Não há notícia, consignada na Ciência, da formação lenta de uma montanha.

Entretanto, a Ciência consigna o fato de irromperem lentamente do fundo dos mares ilhas e continentes.

Como quer que seja, o boqueirão, junto do qual se acham nossos viajantes, não é o único aberto por um rio, sem que se possa colher o mínimo vestígio de refluência das águas.

Em Lavras, na província do Ceará, o fato ainda é mais notável, porque a serra é tão alta, que a refluência inundaria a maior parte dos campos.

Fique, porém, a solução deste problema aos cuidados dos sábios; e acompanhemos a marcha do jovem Leopoldo e seu pajem, que já deixaram atrás as cargas apanhadas muito além do Caicó, onde o moço costumava pernoitar.

Ia ele rezando e encomendando-se a Nossa Senhora – e o preto rindo de prazer por ter ocasião de enfrentar a famosa casa assombrada – ambos embebidos nos opostos pensamentos, quando, ao começarem a travessia da serra, onde a estrada margeia o rio, aproximando-se das penedias, ouviram medonho urro, de abalar o ar e fazer tremer a terra.

Como se tivesse caído um raio ao pé, os cavalos recuaram tão violentamente, que, se não fossem bons cavaleiros, os dois teriam medido a terra com o corpo.

Bufavam e pulavam os mansos animais, como potros bravos em que se põe sela pela primeira vez.

– Era o perigo que eu temia – disse mestre Tomé.

“Este lugar é um inferno povoado de onças – e as onças daqui têm fama – não fogem da gente e atacam destemidamente.

Esperemos os cargueiros – e nós dois, com os dois que lá vêm, faremos frente a um exército das terríveis feras.”

– É prudente o teu conselho – respondeu o moço –, mas é bom estarmos de armas engatilhadas, porque as cargas não chegam antes de meia hora, e os ferozes animais talvez não tardem a atacar-nos.

– Oh, diabo! Parece que meu cavalo vai morrer! Treme que mal se sustém!

– O mesmo se dá com o meu. Pobres animais, como têm medo das onças!...

– É que elas estão perto, e nós estamos a conversar.

Não tinham acabado de soar estas palavras, e um tiro de espingarda ecoou aos ouvidos dos dois.

Não podia ter sido dado a mais de cem passos; e tão depressa se ouviu a explosão, ouviu-se o ronco furioso da fera, tão estridente, que parecia romper os tímpanos dos ouvidos.

Logo após, encheram os ares gritos descompassados de quem se vê a braços com ingente perigo.

– Há homem em perigo; bradaram os dois, e ambos saltaram dos cavalos, brandindo um o trabuco, e o outro, duas pistolas, que trazia nos coldres.

Os cavalos, tão depressa se viram livres dos cavaleiros, partiram em desenfreada carreira para o lado oposto ao em que rugira a onça.

Tomé, vendo isso, disse para o sinhô-moço:

– Queimaram-se os nossos navios. Agora vencer ou morrer.

– Deus esteja conosco! – foi a única resposta do moço, que partiu correndo na direção do tiro.

– Espere, sinhô-moço; espere um pouco. Não nos entreguem, como o fazem as crianças, à boca da onça.

– Que queres fazer? – disse o moço, com impaciência, por temer que já chegassem tarde para salvar o infeliz, que gritava desesperadamente.

– Eu já fui caçador de onça – respondeu o *cabra* – e sei que bala não basta para elas, porque, se não são feridas mortalmente, dão cabo do caçador num ápice. A melhor arma é esta – disse, mostrando o facão. – Mas esta precisa de um auxiliar: uma forquilha que mantenha o bicho a respeitosa distância.

E, sem mais dizer, cortou um forte galho de mororó que acabava em forquilha.

\* \* \*

Tão depressa Tomé se armou do pau, que tomou na mão esquerda, e da faca de mato, que segurou com a direita, disse a Leopoldo:

– Eu não preciso de outras armas; mas vosmecê bote as pistolas no cinto e tome o trabuco, que está carregado com bala. Com isto se faz melhor pontaria do que com as pistolas.

Assim preparados, marcharam os dois para onde os gritos continuavam a encher os ares de par com os rugidos da onça.

Caminharam coisa de cem passos, indo Tomé sempre na frente.

Ao desembocarem na extrema oposta do boqueirão, onde o rio ocupava o espaço de rocha a rocha, deixando apenas um caminho aberto a picareta, na penedia direita, por onde se passava quando estava cheio, os dois pararam diante de um espetáculo terrível, alumiado pela Lua quase a pino.

Adiante deles vinte passos, quando muito, estava lançado por terra e moribundo um cavalo ajaezado com arreios de prata – e sobre um bloco de pedra redondo e liso, que teria três a quatro metros de altura, estava acororado – com as mãos nos olhos, e a gritar desesperadamente, um homem vestido de preto.

Leopoldo chegou a acreditar que o homem estava louco, pois que a onça que o atacara já não estava ali; mas imediatamente se convenceu do contrário; pois viu a terrível fera, agachada ao pé da pedra, soltar um rugido medonho e formar um salto que por pouco não